



OLIVEIRA, Jelson. **Para uma ética da amizade em Friedrich Nietzsche**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

**Victor Campos Silva**

Mestrando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), bolsista Capes, Curitiba, PR - Brasil, e-mail: v.s.campos@hotmail.com

---

O livro *Para uma ética da amizade em Friedrich Nietzsche*, de Jelson Oliveira, chega a público como um texto que parece portar em sua estrutura e estilo todas as características que se fazem presentes em uma boa obra, nos termos do atual momento da pesquisa em filosofia no Brasil. Tomando especialmente os textos do período intermediário dos escritos de Nietzsche, Oliveira nos faz percorrer, pelo traçado da temática da amizade, algumas das questões mais centrais do pensamento de Nietzsche, da crítica à moral da compaixão e suas estratégias de nivelamento do homem, ao esteio do horizonte de autoafirmação para uma “moral para o futuro”. Neste sentido, não é difícil reconhecer que a empreitada filosófica que Oliveira se dispõe a cumprir não é das menores. Tomando por objeto de interesse a quase intocada questão da amizade em Nietzsche, o autor envereda-se por um dos termos mais incautos e de difícil apreensão na história da humanidade, e não nos surpreendemos quando percebemos que o faz com maestria e serenidade. Isto pesado, vale notar que o labirinto desvendado por Oliveira por meio de “uma ética da amizade” ou mesmo de uma “grande ética” em

Nietzsche é, em contraponto ao “lugar comum” de algumas interpretações negativas do filósofo alemão, uma interpretação profundamente “afirmativa” dos escritos desse filósofo, pois, segundo Oliveira, é exatamente pelo processo criativo e afirmativo das experimentações pessoais da amizade, que Nietzsche pôde levar a efeito suas formas de cultivo de “uma moral para o futuro”.

Com atenção às nuances e sutilezas, Oliveira nos faz notar que, se por um lado, em um enorme segmento da tradição filosófica, Nietzsche foi citado e reconhecido como o filósofo da suspeita, da disrupção e da destruição de ídolos, em suma, aquele que, por meio da acidez e da explosividade de suas teses, foi capaz de se autointitular uma dinamite; por outro, deve também ser entendido como aquele filósofo que foi capaz de “transliterar conceitos”, reafirmar a vida e restabelecer uma nova relação de valor *inter pares* [entre iguais] que não aquela da moral da compaixão, “[...] ou seja, por uma leitura que busque contrapor à crítica e à negação, uma visão afirmativa e construtiva, como um esforço de inverter os argumentos a fim de fazer brotar (como um artefato) a sua própria moralidade” (p. 22). Desse modo, Oliveira intenciona demonstrar que é particularmente a partir do universo da amizade que essa nova perspectiva afirmativa perante à vida parece ensaiar sua disposição.

O autor de *Para uma ética da amizade* dispõe sua obra em três capítulos. O primeiro deles intitulado “Uma convivência experimental” discute a correlação e “a conexão existente entre vivência-experimento e pensamento-filosofia” (p. 28), tomando sob a ótica da amizade, o espaço de partilha e comunicabilidade de ideias e vivências<sup>1</sup>, como elemento ativo de um ambiente de novas experimentações. Neste capítulo, Oliveira parte do pressuposto argumentativo de que Nietzsche tem de fato a preocupação de estabelecer uma discussão profunda sobre a amizade e os reflexos dessa vivência. Neste ensejo, percorrendo a questão da amizade nos escritos do filósofo alemão, coadunamos junto de Oliveira ao reconhecimento da amizade como uma ideia central em Nietzsche, pois, desde seus escritos da juventude à época da incipiente associação literária chamada “Germânia” à “pequena

---

<sup>1</sup> "o amigo é apresentado como alguém com quem é possível partilhar as mesmas ideias e as mesmas vivências: de acordo com suas amizades, Nietzsche se deixa influenciar pelas concepções de seus amigos, com quem mantém debates, leituras, diálogos teóricos e artísticos, numa relação que envolve admiração, veneração e argumentação intelectual [...]”p. 28.

sociedade de camaradas” (EE, 1) a ideia de estabelecer em contraponto à universidade e à moral niveladora, “um novo jardim de Epicuro” (p. 33), pode ser facilmente reconhecida como uma questão preponderante, pois já ali Nietzsche dava indícios da importância que pode assumir a amizade como elemento de contraposição – sob exemplo da cultura grega – à compassividade e empobrecimento da cultura moderna.

Nietzsche parece indicar a necessidade de um espaço em que a partilha do conhecimento possa ser realizada sobre outra configuração, sobre outro estatuto interpretativo que não àquele da moral da compaixão e do nivelamento. Trata-se de tomar a amizade como uma nova forma de sociabilidade e relação humana, ou como nos diz Oliveira: “De um lado, está o valor supremo da compaixão, que aproxima pelo sofrimento e partilha a dor. De outro, a experiência alegre da amizade [...]” (p. 31). Por meio do experimento da amizade, o filósofo alemão parece aventar a esperança da criação de um ambiente que, longe do formalismo normativo que domina a maior parte das relações sociais, estabeleça um espaço de “partilha da amizade”, ou melhor, de “partilha da alegria” do conhecimento, assim como de novas formas de experimentação. Um “lugar”<sup>2</sup> em que a capacidade de partilhar vivências e experimentações torna-se, segundo Oliveira, a característica mais marcante da utilização da amizade como uma nova forma de pensar e vivenciar experiências fora do âmbito da “partilha da dor” (da compaixão).

De fato, como se sabe, Nietzsche não levará à efetividade seu projeto de juventude de uma “confraria de amigos” em sentido físico, no entanto, segundo Oliveira, o que seria mais relevante notar não é tanto a manutenção do projeto, mas a compreensão que tem o filósofo alemão do espaço rico e privilegiado que é capaz de assumir a relação da amizade. Trata-se de interpretar o amigo como companheiro, combatente, e espaço de experimentação de novos conhecimentos e vivências, uma compreensão que Nietzsche parece carregar por toda a vida, mesmo em suas relações

---

<sup>2</sup> Destacamos a palavra “lugar”, pois, lugar não deve ser entendido apenas como um lugar físico em que se comporia uma “confraria de amigos” como parece se enquadrar a noção de “jardim de Epicuro” da juventude de Nietzsche, mas principalmente deve ser entendida em seu sentido tardio e transfigurado, a saber, a amizade como o espaço, ou lugar em que amigos dão-se a experimentação de si mesmos e de suas ideias, um espaço de comunicabilidade não submisso em que a identidade e do amigo ainda pode ser mantida, mesmo que sob diferenças, conflitos e outras experimentações.

de rompimento, afastamento e solidão. Em suma, tanto a partir de uma “comunidade de amigos”, quanto na solidão, conflito e rompimento com seus amigos, Nietzsche parece tomar a si e a seus amigos como experimentos vivos; experimenta neles, com eles, e (por que também não?) por meio deles. Na amizade, Nietzsche parece ter encontrado o elemento de experimentação mais favorável à convivência, à sociabilidade sem a dispersão da individualidade característica da moral da compaixão, que a todos nivela. Pelo amigo, ideias podem ser combatidas, postas à prova, interpretadas; valores podem ser experimentados sem que uma imersão total venha a absorver aquele que experimenta.

No primeiro capítulo, Oliveira nos faz notar que a amizade expressa a promessa de uma história comum que somente “eu” – ou “nós” – enquanto amigo posso partilhar e compreender. Trata-se de uma perspectiva em que a amizade é entendida como uma relação única e virtualmente inclassificável, expressa a partir de um restrito horizonte de comunicabilidade entre vivências incomunicáveis. Aí está, em grande parte, um elemento que demonstra a dificuldade que se tem ao tentar caracterizar o que é a amizade, pois esta relação *inter pares* não pode ser definida por padrões, mas tão somente pelo exercício e espaço ético de comunicabilidade de vivências profundas que só podem ser compreendidas pelo amigo. Por essa razão, o amigo pode ser entendido como um espaço de partilha de vivências e experimentos. Nenhuma descrição prática e conceitual do porque se estabelece uma amizade com alguém pode descrever aquilo que pode enxergar um amigo no exercício prático de sua amizade. É neste sentido que, para o autor, a amizade deve ser entendida na ótica do engendramento experimental de um tipo de homem psicofisiologicamente superior, que é capaz de se dar ao experimento, de partilhar vivências de forma livre diante de uma imensidão de formas de apequenamentos, domesticação e nivelamentos do humano em formas de vida decadentes. Somente por meio da relação de amizade é possível socializar sem diluir-se no rebanho, preservando sua individualidade e aprimorando ainda mais seu autoconhecimento.

No segundo capítulo e eixo central de seu texto, o autor nos apresenta, sob o título de “A liberdade do espírito”, um dos traçados mais característicos e marcantes em que a amizade pode ser amparada e compreendida, pois será exatamente a partir de uma “liberdade do espírito”, personificada nas “virtudes do amigo”, que o filósofo encontrará condições

para se contrapor à moral da compaixão e diminuição do humano em uma nova forma de compreensão e experimentação da vida.

Perseguindo dessa forma a *praxis* e a apropriação do conceito de amizade por diferentes tradições, Oliveira nos faz notar, nessa seção de seu texto, que tomar a amizade como um experimento em contraponto à moral da negação e da compaixão, é também um exercício de transfiguração e/ou reapropriação do próprio conceito de amizade, pois, se até então a amizade foi compreendida como “um vínculo de simpatia universal entre indivíduos e povos [...], [deve ser entendida] ao contrário, como valor supremo, [já que] a amizade está embasada na noção de indivíduos solitários e na experimentação e conquista de si mesmo” (p. 76), ou seja, trata-se de uma experiência de partilha e experimentação de si mesmo, uma experiência que é capaz de não somente preservar a individualidade, mas fazer também com que, por meio da *simplicidade*, *resistência* e *coragem* – virtudes da amizade –, a vida seja fortalecida à sua máxima potência.

Neste sentido, regressando ao diagnóstico nietzscheano, Oliveira nos remete à suspeita que Nietzsche coloca diante do processo civilizatório, constatando que, acompanhado de todo processo de adestramento e produção do homem ocidental, o que se teve sempre como meta e projeto até então não foi outra coisa senão um projeto de produção de homens degenerados, fracos e pequenos. Sobretudo na modernidade, não tivemos outra coisa senão a produção estável e privilegiada de homens pequenos, compassivos, ou seja, “partilhadores da dor”. Não é de se estranhar, portanto a frase de Zaratustra ao notar o “projeto arquitetônico” dos homens na modernidade, ao chegar a uma cidade de casas diminutas: “Tudo se tornou pequeno!” (ZA, III, Da virtude que apequena, I). E assim o é, trata-se de um processo de moralização que tomou por meta e conduta, a negação de grande parte dos afetos humanos, ou seja, a predicação de todos aqueles afetos de domínio que uma vez foram indispensáveis ao “animal homem”, como moralmente indesejáveis, imorais.

Assim sendo, é exatamente em contraponto à “virtude que apequena” dos homens compassivos, que tudo parecem querer equalizar, adestrar e tornar rebanho, que se apresentam a amizade e as “virtudes do amigo”, pois, para que sejamos honestos para com a vida, faz-se necessário não negar sua própria dinâmica, seu próprio jogo de forças; “é preciso saber ‘usar’ seus instintos mais fortes, para que a vida, valor dos valores, seja intensificada” (p. 72). É preciso mesmo saber como tomar a indigência, a moral e os seus

próprios afetos a seu favor, sem ser com isto transfigurado em rebanho, desfigurado de “próprio” em “próximo”, ou como nos disse Zaratustra: “Amái então vossos próximos como a vós – mas sede antes daqueles que amam a si próprios –” (ZA, III, Da virtude que apequena, I). Para tal empreitada, confirma Oliveira, faz-se necessária uma “virtude suprema”: a amizade.

Sendo a amizade esta virtude, e peça central do caminho estreito entre sociabilidade e individualidade, Oliveira nos faz notar que, por meio de suas “virtudes”, o amigo, com a simplicidade do andarilho, a coragem do espírito livre e a resistência do inimigo, indica um horizonte de possibilidade para fortalecimento e engrandecimento do homem, pois, se é na relação de amizade que a individualidade é capaz de ser conservada, é também através da resistência do amigo como “inimigo” que ela é estimulada. A amizade, enquanto experimento e exercício do “cultivo de si”, aparece em total contraponto à moral da domesticação, e do “esquecimento de si”, da moral compassiva, “por isso, como valor do projeto nietzscheano, a amizade tem como um dos principais dispositivos a conquista da liberdade do espírito” (p. 82).

A “Partilha da alegria” (*Lebensfreude*) ocupa o terceiro e derradeiro capítulo de *Para uma Ética da Amizade*. Sintetizando as questões anteriores, Oliveira compreende o projeto nietzscheano de uma “ética da amizade” como um exercício provado de “partilha da alegria” e “afirmação da vida”. Trata-se, segundo o autor, de um movimento festivo de afirmação no qual “a compaixão (*Mitleid*) é superada pela congratulação (*Mitfreude*)” (p. 132) e a “partilha da dor” da moral compassiva, pode ser substituída pela “partilha da alegria” de um “embriagado mundo dionisíaco” (p. 133).

Com efeito, a “*praxis*” nietzscheana da “partilha da alegria” demanda como suporte algumas virtudes como pré-condição, em especial, a honestidade e coragem do homem perante o jogo de forças da vida, para que seja capaz de afirmá-la ainda que esta seja completamente desprovida de um *telos* ou significado último. É a partir da honestidade e coragem para enfrentar e assumir uma postura trágica diante da existência, que a alegria pode ser partilhada, uma alegria que pode ser “*com-partilhada*” pelo espírito que não precisa mais construir formas de ficção e edulcorações da existência, por aquele que é capaz de afirmar a vida em toda sua plenitude, com todos os seus “bens e males”. Segundo Jelson Oliveira, o exercício dessa “alegria compartilhada” pode ser compreendida como o próprio exercício de superação da moral da compaixão. Na contraposição da alegria à dor,

da afirmação da vida à negação da vida, da amizade à compaixão, um exercício característico de “tipos” nobres e fortes, “algo superior num sentido fisiopsicológico, [algo que] pretende um ultrapassamento do ‘homem’ em direção ao ‘além do humano’” (p. 133). Esta aparece como a marca mais característica da *Lebensfreude* empregada pela amizade, um exercício de afirmação da vida, em que a dança, o riso e a coragem diante da existência aparecem como “antídotos contra a negação da existência” (p. 134).

Por fim, não nos parece tão espantoso que, no decorrer da relação de “combate”, “companheirismo” e “afirmação” que passamos a percorrer na leitura do texto de Jelson Oliveira, também venhamos a nos perceber como “partilhadores”, “amigos” e companheiros de uma vivência profunda, partilhada no livro como exercício filosófico.

Recebido: 01/10/2011

*Received:* 10/01/2011

Aprovado: 10/10/2011

*Approved:* 10/10/2011